



¹ O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DE SUA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ARAPAPUZINHO - ABAETETUBA/PA.

Autor: Antonilda da Silva Santos

Mestranda em Educação e Cultura (UFPA/Cametá)

Universidade Federal do Pará-Cametá, antonilda.loirinha@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira

Doutora em Educação Brasileira (UFC)

Universidade Federal do Pará-Abaetetuba, mararitaduarteufpa@gmail.com.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de emancipação da mulher negra através de sua participação na comunidade quilombola Arapapuzinho/ Abaetetuba/Pa. Essa produção se funda na perspectiva de compreender o processo de emancipação dessas mulheres a partir da sua participação política, além do interesse sobre a discussão referente a identidade, gênero e emancipação das mulheres negras, partindo também do pressuposto de o combate ao racismo e à opressão de gênero e de classe vivenciado pelas mulheres da comunidade é algo a ser articulado às histórias de vida dessas mulheres no movimento em análise. Dessa forma buscamos analisar as seguintes categorias: emancipação identidade e gênero, pois, acreditamos que trabalhando estas categorias no decorrer da pesquisa irão proporcionar uma dimensão muito fundamental para o contexto amazônida. A metodologia utilizada no projeto parte de uma abordagem qualitativa, pois pretendemos buscar dados da realidade dos sujeitos investigados os quais não podem ser quantificados, bem como utilizaremos a História oral, a qual tem importância no sentido de trabalhar com os sujeitos, para assim evidenciar suas histórias de vida, pois os sujeitos trazem em sua essência o cotidiano repleto de significações, e a história oral explicita singularidades, percebe o caráter processual da vida. Esta abordagem permitirá a problematização do objeto da pesquisa a partir de uma análise crítica sobre o processo de emancipação da mulher negra através de sua atuação em organizações políticas.

Palavras-Chave: identidade – gênero - emancipação.

Introdução

A pesquisa a que propomos realizar se originou de inquietações que foram se constituindo a partir da relação com a comunidade quilombola Arapapuzinho. De um lado tais inquietações são decorrentes da convivência que tenho com a comunidade. De outro lado pelo interesse sobre a discussão referente a identidade, gênero e emancipação das mulheres negras e atrelado a isso o

¹ Programa de Pós Graduação em Educação e Cultura (UFPA/Cametá)



entendimento sobre a mulher em seu processo de construção histórica e condição de tornar-se mulher no mundo.

Nesse sentido, acreditamos que é imprescindível analisar a organização das mulheres negras na comunidade quilombola Arapapuzinho para assim refletir sobre a diversidade entre essas mulheres, seus processos organizativos, partindo do pressuposto de que o combate ao racismo e à opressão de gênero e de classe vivenciado pelas mulheres da comunidade Arapapuzinho se articulam com suas histórias de vida.

Desse modo a pesquisa busca apresentar as formas de organização das mulheres negras da referida comunidade, como se organizam e como constroem o seu processo de emancipação a partir da sua militância, nas organizações políticas. E ampliando essa discussão pretendemos analisar narrativas capazes de produzir novos contornos acerca dessas participações envolvendo os processos emancipatórios destas mulheres como a sua escolaridade, matriarcado, visibilidade pública e participação ativa e assim apresentar novas mudanças produzidas por elas, bem como as respostas quanto a sua emancipação, percebendo que elas têm trajetórias diferenciadas.

Partindo desta perspectiva o nosso olhar para essas mulheres serão construídos a partir de uma concepção de que trata-se de sujeitos sociais que se formam nas diversas relações de que participam. Sendo assim, procuraremos compreender as relações entre cada uma delas e a inserção nas organizações políticas, nos movimentos sociais. E para aprofundar o tema desejamos compreender as razões que levam essas mulheres não apenas a se organizar, mas também a permanecer nesses movimentos.

A partir desse olhar, buscamos investigar o processo de emancipação da mulher negra através de sua participação política na comunidade Quilombola Arapapuzinho Abaetetuba – PA.

E o problema a ser investigado requer que analisemos como ocorre o processo de emancipação da mulher negra através da sua participação nas organizações políticas na comunidade quilombola Arapapuzinho – Abaetetuba/ PA, que compreendamos como as mulheres negras se organizam politicamente em sua comunidade, bem como identifiquemos se ocorre a emancipação da mulher negra da comunidade quilombola a partir de sua organização política e, ainda elucidar a importância da mulher negra para a comunidade quilombola.

O caminho metodológico se relaciona com os objetivos aqui tomados, partindo da ideia de que nas comunidades os sujeitos sociais envolvidos nesse processo, as suas práticas específicas já se hibridizaram a outras formas de existência e, se a cultura é um repertório relacional, não lhe cabe qualquer essência. O paradoxo do processo híbrido é exatamente esse: buscar nele o que há de



mimético, simulado e oblíquo nas recriações culturais realizadas pelos grupos nas relações diásporas (CLANCLINI, 2003; HALL, 2008; BHABHA, 1998)

Logo, a metodologia utilizada parte de uma abordagem qualitativa, pois pretendemos buscar dados da realidade dos sujeitos investigados os quais não podem ser quantificados, bem como utilizaremos a História oral, a qual tem importância no sentido de trabalhar com os sujeitos, para assim evidenciar suas histórias de vida, pois os sujeitos trazem em sua essência o cotidiano repleto de significações, e a história oral explicita singularidades. Busca-se um análise delas enquanto sujeitos de suas histórias, além de construtoras de suas memórias individual e coletiva do lugar, uma vez participantes de sua construção histórica, social e cultural Pois relacionando o cotidiano e a narrativa de vida:

Através das narrativas de sua vida, o indivíduo preenche de si mesmo, se obrigando a organizar de modo coerente as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas, essa reflexão de si faz emergir em sua narração todos os microeventos que pontuam a vida cotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que dentro da experiência individual contribuem para a construção da realidade (SPINDOLLA. SANTOS 2008, p.122)

Entendendo que reviver a história da mulher negra implica destacar que essa mulher buscou nos movimentos sociais a conquista de seu lugar na sociedade. E ainda hoje esses lugares continuam sendo almejados por elas, pois suas condições ainda continuam distante da equidade. E as lutas das mulheres negras envolvendo questões de gênero, identidade, emancipação, requer que as mesmas conquistem espaços em diferentes dimensões da existência. Assim WERNECK (2008) destaca:

As mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos são resultados de uma articulação de heterogeneidade, resultantes de demandas históricas, políticas, culturais e de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade radicalizada e racista em que vivemos (WERNECK, 2008, p. 76)

Sem sombra de dúvida, as mulheres negras acabam se engendrando nos movimentos sociais da sua comunidade, pois estes se concretizam como espaços de resistência e emancipação. E podemos ver que as mulheres negras desenvolvem trabalhos buscando alternativas de transformações na pirâmide hierárquica. De acordo com a autora a luta aqui, é por melhores condições de vida, bem como pela ocupação de novos espaços sociais a serem ocupados por elas.



E corroborando com a ideia de pensar a comunidade quilombola como espaço – tempo, mais plurais, democrática e de resistência faz-se necessário refletir que vivemos em uma sociedade que privilegia um dado número de características e atributos que deve ter o homem, sejam morais, intelectuais ou físicas. E esses atributos são basicamente os mesmos para toda a sociedade. E esta sociedade acaba por condicionar as mulheres, em especial as negras, em uma situação de discriminação como afirma CRESHAW (2002):

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação de problemas que busca capturar as consequências e estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e de outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo, de tais eixos constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRESHAW, 2002, p. 177)

A autora ressalta que a sociedade produz em seu âmbito as diversas vulnerabilidades em que a mulher negra é submetida, não conseguindo assim em grande escala ocupar cargos políticos, por exemplo, pois é esmagada pelo processo de discriminação e racismo que foram construídos ao longo da história. Processo esse que se concretizou e se concretiza de forma violenta.

Apesar da violência que sofreram e sofrem os negros sempre se organizaram e SODRÉ (2005) nos ajuda a defender que os negros sempre produziram, criaram, inventaram existências próprias, realizações singulares, localizadas e ao mesmo tempo complexas resultando em múltiplas possibilidades de transgressão em relação a força, a violência imposta pelos brancos.

Os negros desenvolviam formas paralelas de organização social. Exemplos: de ordem econômica- caixas de poupança para compras de alforrias de escravos urbanos; de ordem “política” – conselhos deliberativos próprios para dirimir disputas internas de uma nação ou etnia, ou para a preparação de ações coletivas (fugas, revoltas), ou então confrarias de assistência mútua sob a capa de atividades religiosas (cristãs); de ordem mítica – elaboração de uma síntese representativa do vasto panteão de deuses ou entidades cósmicas africanas (orixás), assim como a preservação do culto dos ancestrais (os eguns) e a continuidade de modos originais de relacionamento e de parentesco; de ordem linguística – manutenção do iorubá como língua ritualística. (SODRÉ, 2005, p. 90)



De acordo com tal explanação fica claro que a questão da resistência do seguimento negro perpassa pelas formas que este encontrava para se organizar enquanto grupo, comunidade, no sentido de estarem demarcando sua cultura, religião.

Considerações Provisórias

Em termos das discussões que fizemos sobre a dimensão do processo de emancipação da mulher negra perpassa por todas essas questões discutidas no decorrer da elaboração deste artigo, uma vez que tratar desta temática requer que falemos, discutamos, sobre como ocorre o processo de emancipação dessas mulheres a partir das organizações internas e como isso se efetiva enquanto movimentos de resistência que são produzidos nas relações, questionando assim, as dicotomias excludentes herdadas pela educação do discurso hegemônico da ciência moderna e, ainda demonstrar a importância dessa mulher para a sua comunidade quilombola.

A história das mulheres da comunidade é reveladora de uma construção que está sendo preservada pela memória social que a legitima, respaldada pela sua participação em organização política. E vale destacar aqui que as ações das mulheres negras ligadas pelo mesmo objetivo comum de conquistar sua emancipação, são elementos significantes nas construções identitárias dessas mulheres, na representação que elas têm de si individual e coletivamente.

1. Referências

CANCLINI, Nestor. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 2003.

CRESHAW, K. Documento para o Ensino de Especialistas em Aspectos de Discriminação Racial Relativos ao Gênero.

SODRÉ, Muniz, - A verdade Seduzida/ Rio de Janeiro DPA, 2005. 3 ed.s

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPINDOLA, Thelma Santos, Rosângela Silva. Trabalhando com a História de vida, percalços de uma pesquisa(dora)!. 2008

WERNECK, Jurema. Nossos passos vem de longe! Movimentos de Mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: Mulheres Negras: Um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil/ WERNECK, Jurema (org). Rio de Janeiro: Crioula, 2008.